



Uma Festa Para Celebrar a Vida: um olhar sobre as atividades culturais realizadas na Casa do Hip Hop em Diadema¹

Patrícia Lopes Ewald²
Camila Souza Azevedo
Durval Paulo Cassettari Neto
Rafael Vinícius Fiorini
Thaís Cajado Demétrio

Prof. Ms. Vanderlei Dias de Souza³
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

O Centro Cultural Canhema, em Diadema, foi inaugurado em 1993 e tornou-se oficialmente a Casa do Hip Hop em 1999. O espaço prioriza o conhecimento dessa cultura e o movimento negro, além de proporcionar aos frequentadores diversas oficinas. No local é mantido um acervo com cerca de 200 livros sobre o Hip Hop e cultura negra. A Casa também oferece uma biblioteca pública. O Hip Hop foi o movimento que mais marcou a cultura negra no século 20 e teve como essência o questionamento dos problemas sociais. Ele se expressa por meio de cinco elementos: música (rap), dança (break), arte (grafite), Mc (cantor/cantora) e a busca pelo conhecimento. Surgiu no final da década de 60, nos guetos de Nova Iorque, marcados pela pobreza, violência e racismo. O trabalho desenvolvido buscou apresentar um olhar sobre as atividades desenvolvidas na Casa e o que esse local representa para os frequentadores.

PALAVRAS-CHAVE: Casa do Hip Hop; Centro Cultural Canhema; movimento negro.

INTRODUÇÃO

A grande urbanização do séc. XX desencadeou o surgimento de uma população carente, cercada de violência e essa parte da população queria ser ouvida, fazer com que suas reivindicações alcançassem o restante da sociedade. Desde muitos anos, a música sempre se prestou a ser esse caminho devido ao seu caráter envolvente e por ser um meio prático de alcance geral.

¹ Trabalho submetido ao XIX Expocom, na categoria A Audiovisual, modalidade processo, como representante da Região Sudeste.

² Aluna líder do grupo e formada no curso de Comunicação Social – Hab. Jornalismo, na universidade Presbiteriana Mackenzie, email: patyewald@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, email: vanderlei@mackenzie.com.br.



Um dos movimentos culturais que deu espaço para essas pessoas de periferia foi o Hip Hop e seus elementos. Este movimento surgiu nos guetos nova-iorquinos. Vindo da mistura das diferentes etnias que lá viviam, com suas danças e rimas, em pouco tempo foi possível notar seu potencial diante dos jovens. Chegou ao Brasil nos anos 80 e é composto de cinco elementos: break, rap, grafite, Dj e o conhecimento.

Nos guetos nova-iorquinos uma das músicas cantada na Jamaica (rap) ganhou espaço e se uniu à dança de protesto de origem Porto Riquenha, o break. Dessa forma o Hip Hop se firmou como a fusão da música jamaicana, da dança porto-riquenha e a necessidade de denúncia de afro-descendentes, latinos e norte-americanos.

O Hip Hop chegou ao Brasil cerca de dez anos após sua fundação, em meados de 1984, e o berço do movimento foi São Paulo, onde a cultura foi imediatamente adotada por muitos jovens de periferia como um estilo de vida. Influenciados pelas músicas de *Michael Jackson* e seus inconfundíveis passos de dança, muitos grupos começaram a praticar o *break*. A dança de rua nacional em seu início era embalada e influenciada pelas tendências norte-americanas, mas logo ganhou características próprias.

Procuramos neste trabalho analisar o movimento Hip Hop nacional e sua capacidade de conscientização e promoção da cidadania. Seria o Hip Hop um movimento constituído apenas de violência, marginalidade e protesto? Para termos uma idéia melhor do papel ao qual o Hip Hop se presta escolhemos como objeto de estudo a Casa do Hip Hop de Diadema, que existe como Centro Cultural Canhema desde 1993. Por meio de visitas periódicas produzimos um vídeo documentário para conhecer as atividades lá desenvolvidas e o que elas representam para as pessoas da Casa.

A Casa do Hip Hop em Diadema foi nosso objeto de estudo por ser uma referência nacional do movimento. O espaço conta com oficinas que desenvolvem o aprendizado sobre os cinco elementos que formam o Hip Hop, nessas diversas oficinas são matriculados cerca de 230 alunos. Por cerca de seis meses freqüentamos o local cobrindo o evento “Hip Hop em Ação”, no qual os alunos mostram o que aprenderam nas oficinas. Tudo que os jovens aprendem na semana podem mostrar nesse evento, que acontece todo último sábado de cada mês.

OBJETIVO

O Hip Hop, ao atuar na esfera da cultura com uma forma de interação, um espetáculo que envolve músicas, danças, roupas e desenhos, consegue de alguma



maneira encantar e chamar a atenção da sociedade. Faz com que ela se mobilize e reflita sobre um outro mundo marcado pela exclusão, violência e miséria, que incomoda ao mesmo tempo em que é próximo e também distante.

Através da cultura Hip Hop o projeto pretende mostrar que a articulação dos jovens com os movimentos sociais é capaz de promover a cidadania, a inclusão social e a conscientização para questões relevantes que cercam sua vida, sendo assim uma ferramenta de extremo valor na formação do sujeito.

Tomando o termo cultura como algo que “não nasce nem se desenvolve ilhada dentro de muros universitários e de espaços acadêmicos (...)” (Vannucchi, 1999, p. 11), vemos o Hip Hop como parte totalmente integrante deste cenário cultural. Um movimento que representa uma grande parcela do povo desamparado no caos urbano em que vivemos.

JUSTIFICATIVA

Além de apresentar as diversas formas de organização da cultura Hip Hop é de suma importância mostrar que os movimentos marginalizados contemporâneos são os principais responsáveis em fortalecer os laços sociais e culturais de comunidades carentes, tendo a educação e a informação como instrumentos de promoção de mudanças sociais e conscientização. Todos os elementos do Hip Hop, de alguma forma, procuram levar uma mensagem, uma espécie de denúncia da realidade vivida na periferia.

Em todo o mundo as culturas populares ganharam contornos nunca antes imaginados, pois na impossibilidade de frequentar e acompanhar o que se passava nos espaços de lazer tradicionais da elite, como o teatro e o cinema, as camadas populares acabaram produzindo seus próprios movimentos e artistas.

Nesse ambiente a música serve como mecanismo de protesto e forma de dar visibilidade às situações que desagradam à população. Principalmente nas classes mais baixas da sociedade, podemos notar tanto as reivindicações políticas quanto as sociais sendo discutidas por meio de movimentos como o Hip Hop, cultura difundida na década de 80 e quase sempre marginalizada pela historiografia tradicional e pela mídia:

“Aliás, no Brasil, o desrespeito às raízes populares vem causando, há séculos, trágicos estragos sociais. Ontem foi o negro (...), hoje, é o homem e a mulher do campo, desconsiderados como gente (...); depois desarraigados dos seus próprios valores, para se reduzirem, na migração sem



rumo, a andantes sem terra, desempregados (...), favelados, maloqueiros”. (Vannuchi, 1999, p. 44)

Por seu caráter contestador o movimento Hip Hop é muitas vezes associado à violência, mas não deixa de ser uma cultura que proporciona momentos de descontração e alegria para jovens carentes, levando-se em conta que os verdadeiros componentes dessa cultura, ou seja, aqueles que têm comprometimento com todos os elementos do movimento e lutam para mantê-los unidos, se opõem veementemente à violência e ao uso de drogas.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Neste trabalho partimos de um ponto que agradasse o grupo como um todo: a música. Buscamos produzir algo inédito entre os Trabalhos de Graduação Interdisciplinar já produzidos e que, além de gerar um debate diferenciado, trouxesse uma experiência interessante para cada integrante do grupo. Primeiramente pensamos na música como forma de protesto, com o propósito de apresentar a evolução deste protesto no cenário musical, porém já existiam trabalhos com essa abordagem.

Em seguida, estreitamos o tema pensando em retratar apenas o *rap* e seu papel contestador dos dias atuais. Seguimos adiante e, conseqüentemente, acabamos analisando o movimento Hip Hop, seus elementos e as atividades culturais desenvolvidas por seus participantes.

Uma vez escolhido o tema do documentário, passamos a pesquisar, dentro do estado de São Paulo, alguma referência ou local em que pudéssemos saber mais sobre o movimento Hip Hop. Durante as pesquisas realizadas encontramos um local não só importante dentro do estado, mas de referência nacional: a Casa do Hip Hop, no bairro Canhema, em Diadema.

No trabalho, utilizamos metodologias específicas para obtenção de um resultado mais claro e completo. Trabalhamos com pesquisas qualitativas, entrevistas pessoais, levantamentos bibliográficos e observação do objeto a ser documentado. Para entender as características do movimento Hip Hop, utilizamos como referências bibliográficas livros relacionados diretamente ao assunto, como “Hip Hop – Consciência e Atitude” de Big Richard, “O Funk e o Hip Hop invadem a Cena”, de Michael Herschmann e “Hip Hop: A Periferia Grita”, de Patrícia Casseano, Mirella Domenich e Janaína Rocha.



Lemos também bibliografias que se relacionavam com o tema abordado, como cultura brasileira, música popular e educação. Entre essas leituras estão “Cultura Brasileira: O que é, como se faz”, de Aldo Vannuchi, “O que é música Brasileira”, de Geraldo Suzigan e “Educar o cidadão” de Patric Camivev. As demais bibliografias e filmografias serviram de base tanto para argumentação quanto para elaboração do estilo a ser seguido no vídeo documentário.

Ao longo do projeto entrevistamos pessoas e personagens ligados à história da Casa do Hip Hop e ao movimento. Para nos contar sobre a história do Hip Hop nacional e sobre a criação da Casa optamos por Nino Brown, representante da fundação *Zulu Nation* no Brasil e um dos fundadores da Casa. Nessa entrevista pretendíamos conhecer de maneira mais precisa o modo como a Casa do Hip Hop funciona e quais características do movimento Hip Hop são desenvolvidas ali.

Esta conversa derrubou uma grande lista de possíveis entrevistados entre historiadores, educadores e jornalistas. Tanto Nino quanto a própria Casa do Hip Hop nos deixaram claro que tudo aquilo que precisaríamos estaria justamente ali, pois somente os frequentadores e idealizadores daquele espaço poderiam nos contar o verdadeiro sentido do movimento Hip Hop. No próprio local encontramos todos os personagens que cederam os depoimentos sobre aquele lugar.

Gravamos dez diferentes depoimentos de modo que ficassem claros alguns objetivos da peça: contar o que era aquela Casa, qual o seu propósito e quais seus resultados para comunidade de Diadema. Durante o final do ano de 2006 até quase metade do ano de 2007, acompanhamos os eventos realizados no último sábado de cada mês. Nesses eventos buscamos compreender o comportamento dos frequentadores da Casa e de que maneira as atividades realizadas naquele espaço contribuíam em suas vidas.

Observamos três “Hip Hop em Ação”. No primeiro evento nosso objetivo era observar o comportamento e as atividades realizadas na Casa. Na segunda visita fomos com o objetivo de realizarmos algumas entrevistas, com coordenadores e idealizadores da Casa do Hip Hop. Antes de prosseguir com outras gravações, nos reunimos para a elaboração do roteiro do documentário. Sabíamos que alguns detalhes poderiam mudar, mas traçamos o que serviria de base principal para as edições.

Desenvolvemos um roteiro separado em quatro blocos com imagens que já obtínhamos e também com imagens que planejavamos obter nos meses seguintes. No



terceiro evento queríamos, além de finalizar as entrevistas já pautadas, colher as imagens que restavam para complementar o vídeo.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O título do vídeo documentário, Casa do Hip Hop: Uma Festa para Celebrar a Vida, foi retirado da fala de Nino Brown, conhecido como antropólogo do Hip Hop. Ela expressa o que esse movimento representa para as pessoas que freqüentam o Centro Cultural Canhema – Casa do Hip Hop.

O vídeo ilustra através de imagens o sentido desta frase, bem como as atividades culturais desenvolvidas na Casa e suas possíveis conseqüências nos jovens. Para isso reunimos depoimentos de pessoas fundamentais para o local como o próprio Nino e Nelson Triunfo – também envolvido na fundação da Casa – e jovens que lá convivem, opinando sobre o que a Casa significa para eles.

Mescla depoimentos com cenas das festas e oficinas, tudo muito colorido devido às pinturas (grafites) presentes em praticamente todas as paredes. O vídeo segue um ritmo envolvente e tem como fio condutor o B.boy Balú, um jovem da Casa escolhido como símbolo dos demais. É por meio deste personagem que muitas vezes são exemplificadas as falas dos entrevistados sobre juventude, cidadania e Hip Hop.

CONSIDERAÇÕES

Estudar um espaço dedicado à manutenção e difusão da cultura Hip Hop foi um desafio para o grupo. Não era algo que líamos com freqüência em livros, tampouco víamos nos veículos de comunicação.

Desde o início do trabalho notamos o quanto a cultura Hip Hop é desconhecida e o pouco que se sabe dela muitas vezes é associado à violência, devido ao seu intuito contestador. O desenvolvimento deste trabalho, além de ter oferecido um novo conceito sobre Hip Hop nos mostrou o quanto esta cultura significa para muitas pessoas.

O Hip Hop cresceu muito desde seu surgimento e esse crescimento trouxe ramificações que destoam do seu verdadeiro ideal, porém a luta daqueles que idealizaram permanece. Os verdadeiros integrantes do movimento, aqueles que conhecem as ideologias por trás de tudo isso têm consciência de que o Hip Hop não prega a violência, mas sim a paz, a união e o amor.

Pudemos ver o quanto essa cultura desenvolve no jovem a cidadania e promove a inclusão e conscientização. É com esse propósito que a Casa do Hip Hop – referência



nacional do movimento – existe e é um dos poucos espaços organizados com a intenção de manter essa essência. Oferecendo oficinas de arte, dança, canto, debates e o mais importante; voluntários dispostos a ensinar o que sabem.. A Casa está aberta para quem quiser visitá-la, é repleta de alegria e não há quem não se sinta bem recebido. Todo último sábado de cada mês ocorre o Hip Hop em Ação, evento no qual os alunos têm a chance de mostrar tudo o que aprenderam nas oficinas.

Concluimos com este trabalho que existe um outro tipo de Hip Hop e que vale a pena ser apresentado para todos. Na Casa do Hip Hop de Diadema acompanhamos uma festa alegre, feita em um ambiente simples e aconchegante. Lá, indiferentes ao olhar das nossas câmeras, as pessoas se abraçam, se beijam, dançam e acima de tudo se relacionam isentos de qualquer tipo de preconceito.

Mesmo a mídia justificando sua cobertura sobre o movimento Hip Hop como neutra e sem preconceitos, visualizamos a necessidade de um contato maior com o tema. Apenas conhecendo os princípios e vivenciando as lutas do movimento Hip Hop é que será possível identificar o leque de atividades construtivas que um espaço como a Casa do Hip Hop, por exemplo, é capaz de disponibilizar para as pessoas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA – “**Série Mídia e Mobilização Social**”; Ed. Cortez, SP, 2003.

ALVES, Roberto Luis – “**ABC do Rap**”; Ed. Papirus, SP.

CAMIVEV, Patric – “**Educar o cidadão?**”; Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio Santoro; Ed. Papirus, SP, 1990.

DIMENSTEIN, Gilberto – “**O Cidadão de Papel: A Infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil**”; Ed. Ática, SP, 1994.

HERSCHMANN, Michael – “**O Funk e o Hip Hop Invadem a Cena**”; UFRJ, SP, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor – “**Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade**”; Unesp, SP, 1998.

NICHOLS, Bill – “**Introdução ao documentário**”; Tradução de Mônica Saddy Martins; Ed. Papirus, SP, 2005.

RIBEIRO, Wagner – “**Elementos da Teoria da Música**”; Ed. Coleção, SP, 1965.



RICHARD, BIG – **“Hip Hop - Consciência a Atitude”**; Ed. Livropronto, SP, 2005.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO Patrícia – **“Hip Hop: A Periferia Grita”**; Ed. Perseu Abramo, SP, 2001.

SUZIGAN, Geraldo – **“O que é Música Brasileira: Coleção Primeiros Passos”**; Ed. Brasiliense, SP, 1948.

TINHORÃO, José Ramos – **“Música Popular: Os sons que vem da rua”**; Ed. 34, SP, 2005.

VANNUCHI, Aldo – **“Cultura Brasileira: O que é, como se faz”**; Edições Loyola, SP 1999.

Filmografia

BILL, Mv. ATHAÍDE, Celso – **“FALCÃO: MENINOS DO TRÁFICO”** [Média documentário em vídeo]. Sigla, 2006. 1 DVD, 125 min, color. son.

COUTINHO, Eduardo – **“EDIFÍCIO MASTER”** [Média documentário em vídeo]. Radiofilme, 2002. 1 DVD, 110 min, color. son.

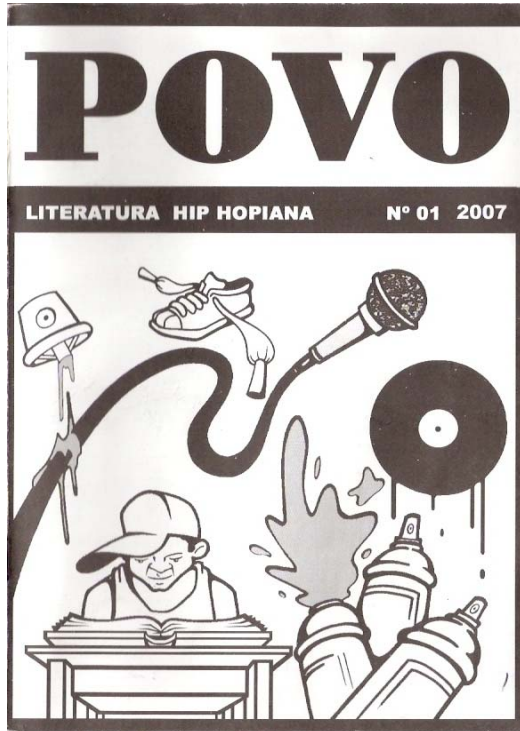
COUTINHO, Eduardo – **“SANTA MARTA: DUAS SEMANAS NO MORRO”** [Média documentário em vídeo]. Beta, 1987. 1 DVD, 54 min, color. son.

SALLES, J.M. LUND, Kátia – **“NOTÍCIAS DE UMA GUERRA PARTICULAR”** [Média documentário em vídeo]. Videofilmes, 1999. 1 DVD, 57 min, color. Son



ANEXOS

Anexo 1 - Fanzine **POVO – Literatura Hiphopiana**, produzido por integrantes do movimento Hip Hop e que tem como intuito expressar-se pela literatura.



Introdução

Na grande maioria das vezes os pensamentos daqueles que fazem hip hop são registrados e interpretados somente através de discos, vídeos e fotos, e muitos nem este tipo de registro conseguem, tendo a memória da arte rica original da rua, produzida por eles, perdida com o tempo. Então, alguns destes que sentem o hip hop, que desabafam através de *scratches*, *tags*, *top rocks* e versos, que têm o coração batendo no compasso, que respiram o cheiro do *spray* e carregam mochilas pesadas cheias de atitudes coloridas, que tem o corpo movido pelas batidas, que expõem pensamentos rimados, vêm por meio deste zine registrar suas idéias também em forma de arte literária, afim de incentivar a leitura a todo público com textos, poesias e poemas escritos por *B.boys* e *B.girls*, *Writers* (escritores e escritoras de grafitti), *Djs* e *Mcs*. Eis que surge o zine “POVO – Literatura Hiphopiana”.

*“Inventar o novo
para todo nosso povo
Que ainda e denovo
deseja alforria”*

POVO
Pessoas Organizadas Vencem Opressão

Capa e contracapa da edição nº 1

“Introdução

Na grande maioria das vezes os pensamentos daqueles que fazem Hip Hop são registrados e interpretados somente através de discos, vídeos e fotos, e muitos nem este tipo de registro conseguem, tendo a memória da arte rica original da rua, produzida por eles, perdida com o tempo.

Então, alguns destes que sentem o Hip Hop, que desabafam através de *scratches*, *tags*, *top rocks* e versos, que têm o coração batendo no compasso, que respiram o cheiro do *spray* e carregam mochilas pesadas cheias de atitudes coloridas, que tem o corpo movido pelas batidas, que expõe pensamentos rimados, vêm por meio deste zine registrar suas idéias também em forma de arte literária, afim de incentivar a leitura a todo público com textos, poesias e poemas escritos por *B.boys* e *B.girls*, *Writers* (escritores e escritoras de grafitti), *Djs* e *Mcs*. Eis que surge o zine ‘POVO – Literatura Hiphopiana’.

‘Inventar o novo para todo nosso povo que ainda e de novo deseja alforria’.



Anexo 2



Palestra do grupo *Z'África Brazil* para o público da Casa



Oficina de grafite